

# Dendeicultura, comunidades tradicionais e segurança alimentar na Amazônia Paraense

**Cleison Bastos dos Santos**

cleisondos@bol.com.br

Discente do PPGEU-UFPA

**Palavras-chave:** Dendeicultura, Comunidades Tradicionais e Segurança Alimentar.

## Introdução

Abordamos no presente trabalho as relações entre dendeicultura, comunidades tradicionais e segurança alimentar na Amazônia paraense, mais precisamente no município de Moju. Partimos do pressuposto de que a chegada da cadeia produtiva do dendê no referido município promoveu mudanças significativas na paisagem, na configuração espacial, na dinâmica social e no território usado. Neste trabalho utilizaremos o termo comunidades tradicionais tal como utilizado por Diegues(2008, p, 18), “ O Brasil é um país que apresenta grande variedade de modo de vida e cultura diferenciadas que podem ser consideradas “tradicionais”, como as populações ribeirinhas, as extrativistas, de pescadores, de quilombolas, são comunidades portadores de crenças, visões de mundo singulares que se distinguem das demais sociedades localizadas no espaço urbano-industrial.

O município de Moju que em tupi, significa “Rio das Cobras” ou “Caminho de Cobras” está localizado na mesorregião do Nordeste paraense e na microrregião de Tomé-Açu. A cidade de Moju (sede) situa-se à margem direita do rio Moju e distante 61 km em linha reta de Belém. Faz limite ao norte com os municípios de Abaetetuba e Barcarena, ao sul com Breu Branco, a leste com Tailândia e Acará e a oeste com Igarapé-Miri, Mocajuba e Baião.

Os municípios que fazem parte da microrregião de Tomé-Açu, como por exemplo, Moju e Acará possuem tradições no cultivo de mandioca e na produção de farinha de mesa. O município de Moju está localizado na maior microrregião produtora de mandioca do Estado do Pará. Nesse município a lavoura de mandioca é conduzida

predominantemente por pequenos agricultores familiares totalizando dois mil hectares, correspondente a 0.06% da área cultivada no Estado e uma produção anual de mais de 52 mil toneladas de raiz, em 2005 (IBGE, 2007).

A partir da década de 1980, com o II PDA - Plano de Desenvolvimento da Amazônia, temos a chegada de empresas de grande porte para o município de Moju. Dentre as mais significativas podemos destacar: a antiga REASA – Reflorestadora da Amazônia S/A, atualmente, MARBORGES, a SOCOCO AGROINDÚSTRIA DA AMAZÔNIA S/A, e o Grupo AGROPALMA. Os plantios de coco e de dendê inauguram um novo estilo de plantio no campo mojuense, o perene, o permanente, prática agrícola pouco utilizada pelo caboclo mojuense. A partir desta data o município se destacará na produção e no cultivo de duas espécies exógenas à região, que fará de Moju, um dos maiores destaques nacional e internacional na produção de palmáceas.

### **Objetivo geral**

Identificar e examinar os impactos da expansão da dendeicultura na produção de alimentos pelas comunidades tradicionais no município de Moju.

### **Objetivos específicos**

Analisar as formas de associação da agricultura familiar camponesa às empresas Agropalma, Biopalma e Marborges.

Caracterizar a produção de alimentos nas comunidades tradicionais de Arauai, São Vicente, Castanhandeua, Bacuriteua, São Sebastião, São Sebastião, dentre outras que sofrem impactados com maior ou menor intensidade pela dendeicultura, que se tornou para algumas, principal atividade de sustentação.

Analisar que impactos o assalariamento rural nas empresas tem na produção de alimentos nas comunidades em foco.

### **Resultados**

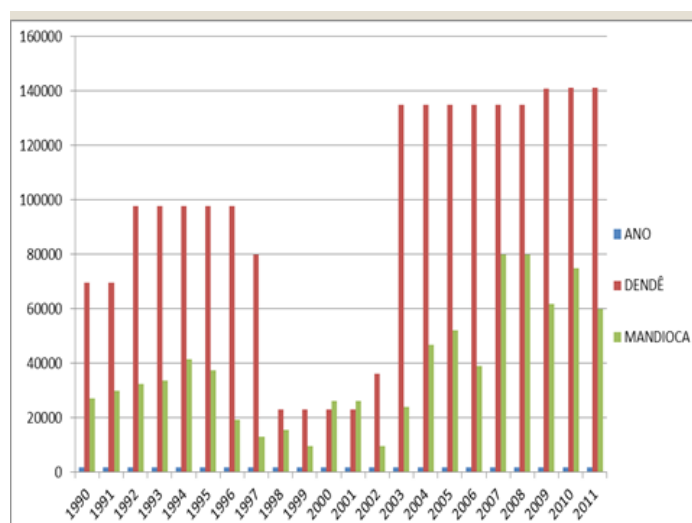
Na contabilidade gerencial das empresas, para ser lucrativo, o empreendimento deve manter o patamar de um trabalhador a cada 10 hectares, ou seja, cada trabalhador da unidade familiar cuidará de 1.430 plantas. Isso torna o trabalho na dendeicultura

profundamente exaustivo, pois desde a aquisição e transporte das mudas, preparo de área, plantio, tratos culturais, colheita, transporte até a agroindústria e processamento tudo demanda esforço físico. Ainda que a unidade familiar inserida nos programas de agricultura familiar quisesse cultivar dendê consorciado só poderia fazê-lo no primeiro ano de plantio, quando as raízes da palma ainda não estão completamente desenvolvidas e permite o plantio de culturas que não são de raízes profundas. Entretanto, lhe faltaria energia física para essa atividade, visto que, nos empreendimento do dendê, que são 10 hectares por unidade familiar, ele terá que cuidar de 1430 plantas. De modo que a pluriatividade característica da unidade familiar camponesa tende a ceder espaço para a especialização produtiva, predominando o que Bernstein(2011) chama de mercantilização da sobrevivência, ou seja, “[a] mercantilização é o processo pelo qual os elementos de produção e reprodução social são produzidos para troca no mercado e nele obtidos e que os sujeita às suas disciplinas e compulsões.” (BERNSTEIN, 2011, p.125).

Os dados abaixo comprovam a nítida política empreendida pelo Plano Nacional de Produção de Biodiesel e, sobretudo, com a chegada de novas empresas no território paraense tais, como a Biopalma/Vale, ADM, Galp, Guafeng Group e Petrobras Biocombustíveis (PBIO).

242

**Tabela1:** produção de mandioca e dendê no município de Moju no ano de 1990 a 2011.



No município de Moju, observando os dados do IBGE (2011), há uma nítida expansão da produção de dendê em detrimento da produção de mandioca que é a matéria-prima para o principal ingrediente da mesa do amazônida (FRAXE, 2004). A produção de dendê tem seu aumento no ano de 2003, período de implantação do projeto dendê comunitário do Grupo Agropalma na comunidade do Arauaí e da Soledade. Já a produção de mandioca começa a decair no ano de 2009 e tem uma pequena ascensão no ano seguinte, mas decaindo em 2011. Mostrando que houve um abandono dos colonos dedicados inicialmente à cultura da mandioca, mas que atualmente, estão vinculados com a cultura da palma.

### **Considerações finais**

O Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel e o Programa Sustentável de Palma de Óleo do governo federal é responsável pela atual dinâmica territorial da cultura da palma de dendê na microrregião de Tomé-Açu, no nordeste paraense. Esses programas fomentam e normatizam a expansão das empresas dendeicultoras na região. Estas empresas ao introduzirem seus plantios monocultores de dendê, imprimiram mudanças significativas nos municípios onde se instalaram. Os trabalhadores rurais dessas localidades estavam habituados a um determinado ritmo de vida como: a policultura, a prática do mutirão, a produção de excedente voltada para o mercado interno, com chegada das empresas e suas estratégias de expansão, os trabalhadores rurais desses lugares entraram numa outra temporalidade, ditada pelo tempo da monocultura, da produção das agrocommodities negociadas nas bolsas de valores, longe dos interesses e anseios dos pequenos agricultores.

A lógica do mercado é quem dá o tom na vida desses sujeitos sociais. Para Leff(2012, p, 40), esse processo “é resultado da globalização econômica, que está gerando uma retotalização do mundo sob o valor unidimensional do mercado, superexplorando a natureza, homogeneizando culturas, subjugando saberes e degradando a qualidade de vida das maiorias”.

### Referências bibliográficas

- ALVES, R. N. B.; CARDOSO, C.E.L. **Sistemas e custos de produção de mandioca desenvolvidos por pequenos agricultores familiares do município de Moju, Pa.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2008. 4 p. (Comunicado Técnico n. 210).
- BERNSTEIN, H. **Dinâmicas de classe da mudança agrária.** São Paulo: Editora Unesp, 2011. 171 p.
- FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura cabocla-ribeirinha.** Mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume: 2004.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- REPORTERBRASIL. **Expansão do dendê na Amazônia brasileira:** uma análise dos impactos sobre a agricultura familiar no nordeste do Pará. Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis, 2013. Disponível em:<<http://reporterbrasil.org.br/documentos/Dende2010.pdf>>. Acesso em: 20/06/2013.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil.** Território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.